



6º SBECE **EDUCAÇÃO,
TRANSGRSSÕES,**
3º SIECE **NARCISISMO**

O PROCESSO DE GERAÇÃO DOS ETNOSABERES DOS PESCADORES ARTESANAIS DA ILHA DA PINTADA

Mayara de Araújo Saldanha

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Isabel Cristina Machado de Lara

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

1 INTRODUÇÃO

Este estudo constitui uma das propostas do grupo de pesquisas Estudos sobre Etnomatemática (GEPEPUCRS) do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. Além disso, advém de uma pesquisa de Mestrado, cujo objetivo geral foi analisar os processos de geração, organização e difusão dos saberes utilizados pelos pescadores artesanais da Ilha da Pintada, bairro pertencente ao município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

O presente artigo propõe um recorte dos resultados obtidos na dissertação, o qual visa responder a uma das questões que conduziram a pesquisa: “*Como ocorre o processo de geração dos etnosaberes dos pescadores artesanais?*”. Assim, a fim de compreender o modo como são gerados os etnosaberes e as razões pelas quais diferentes grupos culturais criam distintas maneiras de lidar com os problemas e situações do dia a dia, pressupostos teóricos acerca da Etnomatemática foram utilizados.

Nesse estudo, de modo particular, as teorizações acerca da Etnomatemática fundamentam-se, principalmente, nas produções de D’Ambrosio (2009, 2011, 2012) e Knijnik et al. (2012). Para dar conta da utilização do termo etnosaberes, uma diferenciação entre saber e conhecimento é proposta sob o olhar foucaultiano de Veiga-Neto e Nogueira (2010), visando por meio do discernimento desses termos compreender o porquê da utilização da expressão etnosaberes para se referir aos saberes dos pescadores artesanais.



2 ETNOMATEMÁTICA E ETNOSABERES

Considerada um novo campo de pesquisa, a Etnomatemática surgiu no Brasil em meados da década de 1970, a partir do momento em que se começou a questionar a universalidade da Matemática Acadêmica (KNIJNIK et al., 2012). Vista, de acordo com D'Ambrosio (2011), como uma subárea da História da Matemática e da Educação Matemática, a Etnomatemática também está relacionada à Antropologia e às Ciências da Cognição, devido ao fato de priorizar a dignidade humana e ter por objetivo principal o reconhecimento de outros modos de pensar e produzir conhecimentos.

Conforme a perspectiva d'ambrosiana adotada nesse estudo a Etnomatemática é compreendida como um programa de pesquisa cujo propósito é “[...] entender a ventura da espécie humana na busca de conhecimento e na adoção de comportamentos.” (D'AMBROSIO, 2011, p.17). Desse modo, embora o termo Etnomatemática possa sugerir uma referência limitada à disciplina Matemática, D'Ambrósio (2009) a considera como algo que vai além do estudo das ideias matemáticas, contemplando os processos de geração, organização e difusão dos saberes de distintos grupos culturais de forma abrangente.

Conforme Knijnik et al. (2012), o pensamento etnomatemático visa, principalmente, o exame das práticas não escolares, as quais manifestam formas de racionalidade distintas da racionalidade científica dominante. Para D'Ambrosio (2011) o programa Etnomatemática consiste no estudo da dinâmica cultural que faz com que os indivíduos pertencentes a um grupo cultural específico criem suas próprias maneiras de lidar com a realidade na qual estão inseridos, dependendo, sobretudo, das condições particulares a que estão submetidos.

Assim, compreende-se que distintos grupos culturais, tal como o grupo de pescadores, estão subordinados a um contexto peculiar que envolve condições ambientais características, sistemas de comunicação e estruturas de poder próprias do grupo. Sendo assim, D'Ambrosio (2009), em sua acepção etimológica de Etnomatemática, se refere a esses diversos contextos culturais como os diferentes *etnos*. Conforme o autor, ao estar sujeito a diferentes *etnos*, cada grupo cultural desenvolve distintas *ticas* de *matema*, ou seja, distintos “[...] instrumentos de reflexão, de observação, instrumentos materiais e intelectuais (*ticas*) para explicar, entender, conhecer, aprender para saber e fazer (*matema*).” (D'AMBROSIO, 2011, p.60).



Assim, o conceito de *etno* adquire um sentido que vai além da ideia de etnia, estando relacionado ao conjunto de *artefatos* (concretos) e *mentefatos* (ideias, conceitos) que são criados por um grupo cultural, os quais passam a caracterizar um contexto sócio-cultural específico (D'AMBROSIO, 2011). Sob esse entendimento, a concepção de *etno* admitida nesse estudo esteve baseada nas definições de Sturtevant (1974), segundo o qual *etno* designa o sistema de conhecimento próprio de uma determinada cultura. Por meio dessas definições evidencia-se que a utilização do termo etnosaberes para se referir aos saberes dos pescadores artesanais se deve ao fato desses saberes estarem condicionados a um ambiente natural, social e cultural (*etno*) específico.

Além da compreensão do termo *etno*, é necessário evidenciar algumas distinções existentes no entendimento de conhecer e saber. Apoiados em fundamentos foucaultianos, Veiga-Neto e Nogueira (2010), salientam que há um notável distanciamento entre as palavras conhecer e saber, visto que suas bases derivam de raízes completamente diferentes, *gno-* (conhecimento) e *sap-* (saber), respectivamente. Enquanto a palavra conhecimento proveniente da raiz indo-europeia *gno-* diz respeito ao conceito de ter ciência de algo, tornar algo reconhecível, a raiz *sap-* pertinente a saber “[...] aponta para uma capacidade de discernir, diferenciar, separar” (VEIGA-NETO; NOGUEIRA, 2010, p.73).

Ademais, o saber difere-se do conhecer, por estar relacionado não apenas à informação e ao conhecimento superficial, mas a um saber autêntico, “único, irrepetível e intransferível” (VEIGA-NETO; NOGUEIRA, 2010, p.83). Assim, pode-se denominar sábios os indivíduos pertencentes a grupos culturais que são produtores e produtos de um saber que lhes é próprio, de um saber “[...] verdadeiramente incorporado, um saber que se confunde na própria atividade livre, voluntária e ética do sujeito.” (VEIGA-NETO; NOGUEIRA, 2010, p.84).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo foi realizado na região da Ilha da Pintada pertencente ao bairro Arquipélago juntamente com outras 15 ilhas que estão sob jurisdição do município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul (PORTO ALEGRE, 2014). Sendo circundado pelos rios Jacuí, Caí, Gravataí, Sinos e Guaíba, o bairro Arquipélago constitui uma região peculiar, cuja área é formada por pântanos e banhados (GOMES, et al., 1995). Localizada a cerca de 18km da capital gaúcha, a



Ilha da Pintada é, juntamente com as Ilhas das Flores, Ilha Grande dos Marinheiros e Ilha do Pavão, uma das mais povoadas, possuindo aproximadamente 5mil habitantes, segundo censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado em 2010.

A escolha dos pescadores artesanais se deu por intermédio de um membro do GEPEPUCRS, o qual reside na região da Ilha da Pintada, onde está localizada a Colônia de Pescadores Z-5. Vale salientar que a opção pelo grupo de pescadores foi influenciada pelas concepções de Ascher e Ascher (1997) nas quais a Etnomatemática é compreendida como o estudo das ideias matemáticas geradas por povos com pouca ou nenhuma escolaridade. Em razão disso, utilizou-se como critério para seleção dos participantes a baixa escolarização, considerando-se como pressuposto da pesquisa que os saberes dos pescadores com baixa escolarização constituíram-se independentemente dos saberes aprendidos na escola.

Ao fazer uso de técnicas e procedimentos da etnografia e visar, sobretudo, compreender os fenômenos investigados sob o ponto de vista do outro, o estudo configurou-se como do tipo etnográfico, mais especificadamente, um estudo de caso etnográfico. Tipo de pesquisa que é caracterizada por André (2000) como sendo “[...] a aplicação da abordagem etnográfica ao estudo de um caso.” (p.30).

Baseando-se em pressupostos qualitativos de pesquisa, as fontes de evidência utilizadas no estudo constituíram-se de entrevistas semiestruturadas realizadas com três pescadores artesanais, bem como de observações e da análise de artefatos físicos. Por se tratar de um estudo de caso etnográfico as entrevistas realizadas puderam ser consideradas como conversas informais, as quais foram denominadas Conversa de pescador 1, Conversa de pescador 2 e Conversa de pescador 3.

Ao considerar que o material de análise produzido a partir das transcrições das entrevistas constitui-se de uma vasta quantidade de dados, optou-se por realizar uma análise baseada nos procedimentos da Análise Textual Discursiva (ATD) segundo os apontamentos de Moraes e Galliazi (2011). A opção pela ATD se deu em virtude de que esse tipo de análise fundamenta-se na hermenêutica, aproximando-se também da perspectiva etnográfica.

Conforme Moraes e Galliazi (2011), a pretensão da ATD é “[...] num sentido radicalmente hermenêutico, de construção e reconstrução de compreensões sociais e culturais relativas aos fenômenos que investiga.” (p.147). Dessa maneira, mais que expressar



compreensões acerca dos fenômenos, a ATD visa encaminhar novas compreensões acerca do objeto de estudo, resultando em transformações na realidade investigada.

Com a sistematização das categorias nos moldes da ATD foi possível estabelecer condições para articular as compreensões resultantes da análise sem esquecer-se das ideias iniciais a partir das quais o “caminho” foi se delineando. A partir da finalização das categorizações, obteve-se três categoriais finais *Geração dos etnosaberes*, *Organização dos etnosaberes* e *Difusão dos etnosaberes*. Esse artigo limita-se a apresentar resumidamente os resultados pertencentes a categoria final *Geração dos etnosaberes*.

4 SOBRE O PROCESSO DE GERAÇÃO DOS ETNOSABERES

Visando uma epistemologia, sob os moldes d’ambrosianos, dos etnosaberes dos pescadores artesanais primeiramente foi necessário compreender que saberes permeiam a prática da pesca artesanal. Assim, a identificação dos etnosaberes utilizados pelos pescadores consistiu em uma primeira meta delineada para a pesquisa. Em vista disso, por meio da ATD, foi possível verificar que os etnosaberes dos pescadores vão além do domínio dos processos de confecção e manuseio dos materiais de pesca, pois abrangem outros aspectos como as condições do tempo, o espaço geográfico, os problemas ambientais contemporâneos, entre outros.

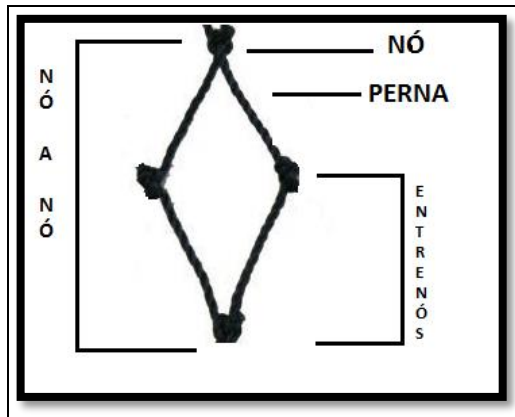
À medida que esses etnosaberes foram sendo identificados, construiu-se interpretações e reflexões acerca do modo como são gerados. Para ilustrar ambos os processos, de identificação dos etnosaberes e de compreensão de sua geração, são apresentados breves excertos das entrevistas que evidenciam, sobretudo, um modo de pensar peculiar dos pescadores. Com base nos entendimentos de Ramalho (2012), pode-se dizer que os saberes explicitados pelos pescadores na confecção dos instrumentos, na maneira de pescar e de lidar com o cotidiano, constituem expressões materiais e imateriais de um saber típico da pesca.

Embora sejam os pescadores entrevistados indivíduos com baixa escolarização, foi possível perceber em seus etnosaberes a presença de muitas ideias matemáticas que assemelham-se aos conceitos geométricos ensinados na escola. No entanto, salienta-se que não foram realizadas no presente estudo comparações entre os etnosaberes dos pescadores e os saberes escolares. Um primeiro exemplo a ser destacado diz respeito ao tamanho mínimo da malha utilizada para a confecção da rede de pesca. Conforme os pescadores, a medida mínima



da malha permitida é de três dedos e meio, malhas menores que isso “[...] não pode usar, isso aí é crime” (Pescador 3). Essa distância de três dedos e meio refere-se, segundo Pescador 1, ao espaço denominado “nó a nó” da malha (Figura 1).

Figura 1- Representação da distância de nó a nó da malha.



Fonte: Elaborado pela autora (2015).

Quando questionado sobre o modo como se originou esse saber, o Pescador 1 afirmou: “A hora que o pescador tá lá no rio, ele coloca três dedos e se sobrar um pedacinho... é claro que tem dedo maior que o outro, mas o pessoal usa esse raciocínio aí.” (Figura 2). Percebe-se que mesmo admitindo a existência de diferenças no tamanho dos dedos de cada indivíduo, o pescador demonstra estar convencido da validade da medida uma vez que todos os pescadores a utilizam.

Figura 2- Representação da medida mínima de três dedos e meio



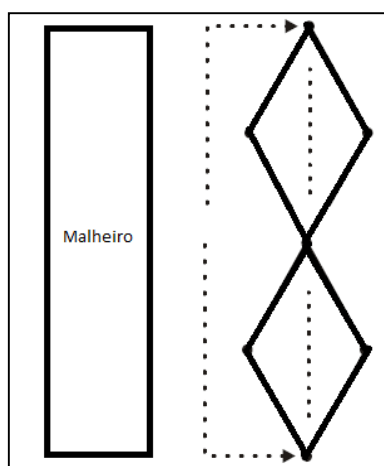
Fonte: Imagem captada pela autora (2015).

Dessa forma, a não utilização de uma unidade padrão de comprimento faz com que esse saber seja visto como legitimado apenas pelo grupo de pescadores, os quais aceitam como válida a medida mínima de três dedos e meio, o que corrobora a ideia deste ser um *etnosaber*. É perceptível com isso que não há uma preocupação excessiva com o rigor de tal medida, uma vez que a finalidade do seu estabelecimento é apenas uma: não pescar peixes pequenos.

Outro exemplo em que a medida é calculada de uma forma particular é o tamanho do objeto malheiro¹ ao qual o pescador se refere como o equivalente a medida de duas malhas, de nó a nó. Assim, para verificar se o malheiro que vai ser utilizado no entralhe da rede é do tamanho correto, ele o coloca justaposto entre duas malhas, se couber, está certo, conforme Figura 3.

¹ Malheiro é um objeto utilizado no processo de entralhe da rede, sendo encontrado na forma artesanal ou industrializada.

Figura 3- Medida do malheiro em relação às malhas



Fonte: Elaborado pela autora (2015).

A partir desses dois exemplos, pôde-se inferir que o desenvolvimento das diferentes técnicas de medir deu-se em virtude de uma necessidade socioambiental, de não pescar peixes pequenos e, operacional, de padronizar a relação do tamanho do malheiro com as malhas. Embora não possua rigor quanto à medida e tampouco relação com o sistema métrico, o modo de medir dos pescadores é validado dentro do grupo porque é fácil de ser verificado e resolve seus problemas. Esse meio diferente de medir dos pescadores pode ser considerado um exemplo das “ticas” de “matema”, termos utilizados por D’Ambrosio (2012) para se reportar aos diversos modos desenvolvidos por grupos culturais para lidar com os problemas e situações do dia a dia.

Ainda que disponham de um modo próprio de medir, legitimado apenas no âmbito da pesca artesanal, os pescadores afirmam que nos dias atuais são poucos que sabem lidar com essas medidas, visto que é comum utilizar redes comercializadas e, na maioria das vezes, feitas com materiais industrializados. Conforme relato do Pescador 2, “*Antigamente se não fosse a distância que o patrão queria, eles já atiravam tudo fora, agora não [...]*”, ou seja, tempo atrás os pescadores precisavam saber medir a distância ideal para a confecção da rede, caso contrário eram obrigados pelos “patrões” a refazer todo o processo. Com um certo tom de reprovação, referindo-se aos dias atuais, o Pescador 3 afirma que muitos indivíduos se dizem pescador mas sequer sabem lidar com o preparo dos instrumentos de pesca, mal sabem o que é a *tralha* e o *espinhel*.

Diante disso, percebe-se na fala dos pescadores que há uma distorção dos valores dos saberes e fazeres da pesca, pois mesmo aqueles que não detém um saber da atividade pesqueira



consideram-se e denominam-se pescadores. Tal sentimento está relacionado ao saber sensível o qual é descrito por Ramalho (2011) como um saber que somente pode ser expressado por aqueles que fazem da pesca artesanal um estilo de vida. Nas palavras do autor:

O saber-fazer pescador artesanal liga-se à edificação de conhecimentos náuticos e pesqueiros, bem como à educação dos sentidos humanos. Fazer-se pescador é, gradativamente, adquirir consciência cada vez mais sofisticada do próprio corpo, de suas possibilidades de aprimoramento, de autocriação. (RAMALHO, 2011, p.317).

Assim, conforme Ramalho (2011), usufruem de um saber sensível somente aqueles pescadores cujos saberes e fazeres foram “lapidados” durante anos de suas vidas, para os quais a pesca não é apenas uma fonte de renda. Dessa forma, são aceitos como legítimos apenas os saberes que foram gerados em meio à história e segundo os valores da cultura da pesca. Sobre esse aspecto Certeau (1995, p.9) aponta que “Para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza.”.

Portanto, pode-se dizer que os saberes da pesca não podem ser adquiridos de modo determinista, tal como uma “bagagem” de que tomam posse quaisquer praticantes. A respeito disso Certeau (1995, p.192) afirma que a cultura, de um modo geral, “Mais do que um conjunto de ‘valores’ que devem ser defendidos ou ideias que devem ser promovidas, a cultura tem hoje a conotação de um trabalho que deve ser realizado em toda a extensão da vida social.”. Assim, há que se diferenciar “homens que querem ter algo” daqueles que “querem ser alguém” (CERTEAU, 1995, p.192).

Tal diferenciação verifica-se nesse estudo, pois são identificáveis pescadores que visam apenas um retorno financeiro e pescadores que realmente querem ser pescadores. Ratifica essa ideia, a afirmação do Pescador 2, com a qual é encerrada a conversa: “*É o que eu sei fazer né e eu gosto é disso aqui.*”.

Sobre o modo como os indivíduos elaboram seus saberes Veiga-Neto e Nogueira (2010) apontam que estes não podem ser “in(tro)jetados” na mente de alguém e sim dispostos de “[...] determinadas maneiras e com determinadas ênfases ou realces e omissões ou silenciamentos, de modo a criar as condições de possibilidade para que cada um entre na rede de práticas discursivas e não-discursivas [...]” (p.79). Nesse estudo, as condições de



possibilidade foram proporcionadas por meio de muitos momentos de aprendizagens, vivenciados desde a infância por intermédio dos pais, tios, enfim, pessoas com as quais os pescadores conviveram e aprenderam. Nas palavras do Pescador 3: “*Meu pai fazendo isso que eu to fazendo aqui, eu tava perto, tava olhando e pegava e fazia.*”.

Do mesmo modo como ocorreu com o Pescador 3, os demais pescadores entrevistados também aprenderam sobre as atividades pesqueiras com seus familiares, conforme Pescador 1: “*Eu aprendi com meu pai, eu não sabia, eu levava os materiais para ele e ele fazia. Aprendi olhando.*”. De maneira semelhante o Pescador 2 que trabalhou com seu tio dos 11 aos 14 anos de idade afirma “[...] *fomos vendo e aprendendo.*”. Com base nessas transcrições é possível compreender que os etnosaberes da pesca artesanal foram gerados por meio da experiência à qual foram expostos os pescadores. Indo ao encontro das ideias de Veiga-Neto e Nogueira (2010), experiência essa que, como o saber, é “única, irrepetível e intransferível” (p.83).

Associada à experiência está a ideia da prática, nas palavras do Pescador 3, sobre o manuseio e confecção dos materiais de pesca, “[...] *Não tendo prática não faz*”. Isto é, a experiência não se reduz à observação pois, segundo Larossa (2002), por ela é preciso ‘atravessar’ para que resulte uma transformação, um saber. Logo, a geração dos saberes depende não somente das condições de possibilidade, mas também do expor-se à experiência, do aventurar-se em territórios desconhecidos.

Como sujeitos da experiência não se deve, entretanto, compreender os pescadores artesanais como seres passivos, pois a sujeição a que se refere Larossa (2002) assume outro significado, trata-se de uma passividade “[...] feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial.” (p. 24).

Sujeitar-se ao desconhecido é algo com o qual os pescadores assumem ter se acostumado, pois há certos momentos e determinados lugares no rio em que se veem cercados apenas pelo céu e pela água (Figura 12). Circunstâncias como essa exigem que o pescador tenha o domínio não apenas das técnicas de pesca, pois é preciso saber a respeito do tempo e das características e condições geográficas da região.

A geração desses etnosaberes sobre o tempo e o espaço, bem como sobre os aspectos ambientais se deve, em parte, à necessidade de sobrevivência dos pescadores, pois seguidamente eles são desafiados a tomar decisões rápidas sob pena de enfrentar tempestades



e ventanias que prejudicam sua pescaria e até mesmo pode os colocar em situação de risco. Quando questionado sobre os saberes mais importantes para a atividade pesqueira, o Pescador 2 afirma ser primordial compreender o tempo, de modo particular, o vento, em suas palavras: “O vento... é o vento que ensina a gente.” Ao avistar uma nuvem escura ou notar que as nuvens começam a se movimentar mais rapidamente, os pescadores afirmam que é preciso decidir se devem aproximar-se da costa do rio ou se devem enfrentar a possibilidade de mau tempo.

A decisão do pescador diante da iminência do mau tempo fundamenta-se em vários saberes apreendidos ao longo de suas experiências, como pode ser percebido por meio de um trecho da Conversa de Pescador 2 em que o pescador explica o modo como age frente às situações de tempo ruim, “[...] Tu vê quando vai levantando... Olha praqueles lados de Rio Grande, Camaquã... A árvore chega a ficar pra baixo do rio. Aí tu calcula tantas horas ele tá aqui. Aí tu vê se pega a rede ou larga embora [...]”. Outro trecho da mesma conversa corrobora a ideia de que os pescadores possuem muitos saberes que foram gerados por meio das suas práticas. “Eu me perdi no meio do banhado, perdi meu facão, eu tava esgotado já. Aí foi um ponto que eu me agarrei numa árvore que tinha por lá e gritei socorro pro meu filho. Aí não responderam. Aí eu disse: “barbaridade”! Mas aí eu olhei assim ó, pela árvore, eu tava com o sol nas costas, andando. E eu pensei que não podia ser nas costas, porque eu sai do acampamento com o sol desse lado aqui (lado esquerdo do corpo). Aí eu olhei pra minha esquerda, enxerguei o morro do Itapuã, o farol eu não enxerguei. Enxerguei só o topete do morro. Mas eu não posso viajar mais com o sol nas costas” (Pescador 2).

Por meio desse excerto, percebe-se que frente à necessidade de localizar-se o pescador recorreu à orientação solar e aos seus saberes quanto à geografia da região. Embora não esteja explícito no trecho, inferiu-se durante a conversa que o episódio ocorrera na região do Rio Guaíba, pela manhã, turno em que os pescadores costumam sair à pesca. Ao perceber que os raios solares batiam em suas costas e que o morro do Itapuã estava a sua esquerda, o pescador constatou que estava se direcionando em sentido errado, pois no sentido correto o sol estaria batendo no lado direito do seu corpo quando estivesse retornando ao ponto de partida.

Tais excertos demonstram que além de saberes especializados é preciso que os pescadores tenham o que Ramalho (2011) denomina de “compreensão totalizante do processo de trabalho”, o que se opõe a visão fragmentada das atividades da pesca artesanal. Conforme o autor, a percepção global do pescador decorre de suas experiências vivenciadas, bem como



“[...] de suas condições concretas de existência, sentidas e interpretadas cotidianamente, através das dinâmicas históricas.” (RAMALHO, 2012, p.22).

Ainda que sejam assujeitados pelos saberes da pesca, revela-se nas conversas com os pescadores um sentimento de posse, como se detivessem aqueles saberes porque já passaram por muitas experiências, tal como afirma o Pescador 3: “*De pescaria não tem o que eu não saiba fazer*”. Tal expressão marca uma característica do saber da experiência: a particularidade. Larossa (2002) explica que a sensação de que o saber está dentro do indivíduo se deve ao fato de que cada acontecimento produz um saber próprio ao indivíduo, do qual este jamais será separado. Nas palavras do autor,

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. (p.27).

Sobre o domínio dos saberes, Certeau (2008) afirma que o poder dos saberes-fazer das práticas cotidianas não compete a ninguém. Com base nesse autor, pode-se dizer, portanto, que os pescadores são como “[...] locatários e não proprietários do seu próprio saber-fazer.” (p.143). Diante disso, conclui-se que a geração dos etnosaberes da pesca não está relacionada a um indivíduo que, “dono de um saber”, ensina aos demais, mas sim a um sistema cultural que “[...] cria ou recusa condições de possibilidade, interdita ou permite: torna possível ou impossível” a geração desses saberes” (CERTEAU, 2008, p.214).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante essas situações, é possível concluir que para os pescadores a pesca artesanal não está diretamente associada aos saberes que são aprendidos na escola, porque deles não dependem para nada, a não ser “[...] *esses negócio de conta*” (Pescador 2). Ou seja, ainda que não vejam muita relação com o saber escolar, há o entendimento de que é necessário saber lidar com os números, principalmente, para efetuar o comércio dos peixes.



Já o conhecimento do sistema métrico de comprimento não é fundamental para os pescadores, uma vez que as medidas utilizadas são estabelecidas sob uma linguagem particular como encalas, braças e dedos. O uso de uma linguagem particular para designar tais medidas, faz com que esses etnosaberes sejam legitimados apenas dentro do grupo cultural de pescadores visto que suas determinações são subjetivas.

Além dos etnosaberes a respeito da confecção da rede, constatou-se que os pescadores são “mestres” em saber lidar com as condições do tempo e do rio. Saber identificar a localização onde ficam os canais, por exemplo, é fundamental para determinar o número de fatechas suficientes que devem ser usadas para fixar a rede nesses locais onde a correnteza age com maior força.

Assim, a partir da constatação de que os pescadores usam uma linguagem particular não apenas para se referir aos objetos típicos da pesca, mas também para estipular as medidas, percebeu-se que esses saberes foram gerados em virtude das necessidades impostas diariamente. Por exemplo, frente à obrigação de confeccionar a rede obedecendo aos limites mínimos estipulados, os pescadores desenvolveram a medida de três dedos e meio, ou malha 10, a qual pode ser verificada facilmente usando os dedos da mão.

Vale ressaltar, mais uma vez, fundamentando-se em D’Ambrosio (2011), que as distintas técnicas (*ticas*) para lidar (*matema*) em distintos contextos (*etno*) identificadas no grupo de pescadores, não foram objetos de comparações, visto que a finalidade era apenas compreender o modo como são gerados, organizados e difundidos esses saberes. Diante disso, concluiu-se que a geração desses saberes está relacionada não apenas às condições de possibilidades proporcionadas pelas relações familiares e de compadrio, mas ao desenvolvimento de um saber sensível que só pode ser expresso por aqueles que fazem da pesca artesanal mais que um meio de sustentar-se.

Além dos saberes serem gerados por meio das relações familiares e de estarem sujeitos ao compartilhamento de um sistema de valores, a sua geração só é permitida pela experiência prática. Experiência essa a qual os pescadores se expõem diariamente, aventurando-se em áreas desconhecidas, sob condições climáticas duvidosas, das quais resultam um saber singular e intransferível.

REFERÊNCIAS



6º SBECE **EDUCAÇÃO,**
3º SIECE **TRANSGRSSÕES,**
NARCISISMO

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2000.

ASCHER, M.; ASCHER, R. Ethnomathematics. In: POWEL, A. B. (Ed.). .

Ethnomathematics - Challenging Eurocentrism in Mathematics Education. Albany: State University of New York Press, 1997. p. 25–49.

CERTEAU, M. DE. **A cultura no plural**. Tradução Enid Abreu Dobránczky. 4. ed. Campinas: Papirus, 1995.

CERTEAU, M. DE. **A invenção do Cotidiano 1**. Artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

D'AMBROSIO, U. **Transdisciplinaridade**. 2. ed. São Paulo: Athena, 2009.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática**: elo entre as tradições e a modernidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

D'AMBROSIO, U. **Educação Matemática**: da teoria à prática. 23. ed. Campinas: Papirus, 2012.

GOMES, J. J.; VENTIMIGLIA, M. A.; MACHADO, H. V. DOS S. **Arquipélago**: as ilhas de Porto Alegre. Porto Alegre: UE, 1995.

KNIJNIK, G. et al. **Etnomatemática em movimento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

LAROSSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. jan/fev/mar/abr, p. 20–28, 2002.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. DO C. **Análise Textual Discursiva**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2011.

PORTO ALEGRE. Companhia de Processamentos de Dados do município de Porto Alegre.

História dos Bairros de Porto Alegre. Disponível em:

http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf>. Acesso em 01.mai. 2014.



6º SBECE **EDUCAÇÃO,**
3º SIECE **TRANSGRESSÕES,**
NARCISISMO

RAMALHO, C. W. N. O sentir dos sentidos dos pescadores artesanais. **Revista de Antropologia**, v. 54, n. USP, p. 315–352, 2011.

RAMALHO, C. W. N. Sentimento de corporação, cultura do trabalho e conhecimento patrimonial pesqueiro: expressões socioculturais da pesca artesanal. **Revista de Ciências Sociais**, v. 43, n. 1, p. 8–27, 2012.

STURTEVANT, W. C. Studies in Ethnoscience. In: **American Anthtopologist**. New Series. 3. ed. [s.l.] American Anthropological Association, 1964. p. 99–131.

VEIGA-NETO, A.; NOGUEIRA, C. E. Conhecimento e saber: apontamentos para os Estudos de Currículo. In: **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 67–87.